

Acasos Pensados: *Luci Collin* e a alquimia das letras

Níncia C. R. Borges Teixeira (UNICENTRO – PR)

Acasos Pensados é um livro de contos da curitibana Luci Collin. Mora em Curitiba e leciona Literaturas de Língua Inglesa na UFPR. Participa de antologias nacionais e internacionais; tem também artigos e traduções publicados em diversos jornais e revistas. Publicou os livros de poesia *Estarrecer* (1984), *Espelhar* (1991), *Esvazio* (1991), *Ondas e Azuis* (1992), *Poesia Reunida* (1996), *Todo Implícito* (1998); e os de contos *Lição Invisível* (1997), *Precioso Impreciso* (2001) e *Inescritos* (2004).



COLLIN, Luci. *Acasos Pensados*. Curitiba, PR: Kafka Edições, 2008. 112p.

A prosa de Luci, em geral, não segue uma linha temática, tampouco estrutural. Compõem *Acasos Pensados* dezesseis narrativas escritas de variadas formas. O título já reflete a ideia de que tudo não passa de obra do pensamento, de um emaranhado de vozes que trazem à tona fatos aleatórios com saltos temporais e associações aparentemente desconexas. Há uma história a ser construída, as peças do quebra-cabeça devem ser organizadas e montadas. Várias dessas narrativas realmente contam uma história, outras não narram nada, não têm enredo, realizando-se na cristalização lírica, na justaposição de sons, cores e cheiros. Em seu novo livro, a linguagem é aberta, experimental e difusa. A escritora se propõe a exercitar sua capacidade de inovação por meio de colagens textuais, que traduzem a agonia pela procura do indizível. Em entrevista mantida com a autora, ela afirma que sua relação com a linguagem é espontânea, rítmica e até liberal. Afirma que sua linguagem é desestabilizadora, a fim de despertar a reflexão.

Luci Collin é habilidosa no trabalho com o flagrante ao surpreender suas personagens em ambientes ambíguos. Em seus textos há a presença de uma perspectiva simbólica aberta; dessa forma, o leitor é privilegiado, pois pode imprimir sentidos múltiplos, à medida que a autora lhe oferece um mundo particular sem censura. Há, assim, um diálogo direto entre personagem e leitor, enunciação que se constitui por meio de uma vasta expressão do ser, que também manifesta sua intimidade.

Collin faz, em *Acasos Pensados*, ataques à narrativa convencional com contos que fundem poesia, prosa e recursos de montagem, e que apontam para a arbitrariedade da escrita ficcional, assumindo, portanto, um caráter metaficcional.. Na obra, os contos "Daqui", "Fotinha", "Caso Pensado", "Traçadaslinhas"¹ e "Literatura Feminina - Questão de Regras" articulam-se como uma grande colcha de retalhos narrativos que vão do diário íntimo, passando pelo verso, pela enciclopédia, a entrevista, numa tessitura experimental curiosa, quase um almanaque de composições.

Os fatos e acontecimentos, em seus contos, são desconhecidos, até porque não há a intenção de se relatar um episódio ou peripécias de um personagem, mas sim, o contato do leitor com a obra e os desdobramentos de sua subjetividade. Os fatos de enredo são raros, dando logo a medida de que a autora/personagem está narrando muito mais um processo psíquico do personagem do que descrevendo acontecimentos. Sua escrita não apresenta uma narrativa mimética que copia a realidade empírica; trata-se de elevar o tema literário à construção psíquica que cada sujeito faz de si mesmo. Como se pode observar no conto "De comer ao que tem fome":

O amor, pálido arremedo do desejo, é antes uma perversão.
O calendário se consome na minha cabeça. Toco muito de leve o fio da adaga. É
belíssima, de prata. Vou enlouquecê-la com isso. Passo sobre o lençol e ele se abre.
Faço cortes. Vou enchê-la de delícias² remotas. Em cinco dias. Vou trazer à
superfície.
(COLLIN, 2008, p. 66)

Não há, tampouco, um tempo passado a ser fielmente descrito pelo narrador e o que se conta está repleto de dúvidas e hesitações. Assim, revela-se que o espaço, tempo e causalidade configuram-se como meras aparências exteriores, que impõem uma ordem fictícia à realidade. A verdade, dessa forma, é da ordem da ficção, ou seja, o que se crê

¹ Todas as citações respeitaram a grafia do texto original.

² Neologismo da autora.

verdadeiro participa do mundo imaginativo, processo construtivo inacabado por excelência.

A escrita da autora se configura por meio da fragmentação, de recorte, sobreposição, exploração de temas não usuais, ironia, colagem, absurdo, manipulação sintática e semântica. Torna-se, de certa forma, uma tentativa de aproximação da maravilhosa desordem da realidade que não pode, por seu dinamismo, ser registrada tendo por base regras artificiais. No conto, “Um au que mia”, é possível observar a sobreposição de cenas. A autora, para marcar a ruptura, utiliza dois pontos entre os parágrafos da narrativa, o que sugere uma forma de assinalar a descontinuidade no enredo; além disso, ocorre uma desconstrução da narrativa tradicional, pois a autora não respeita paragrafação nem regras de pontuação, lança mão também de comentários digressivos que solicitam a participação efetiva do leitor.

Galgos, absolvidos, são hienas. Fomes, inocentadas, cicatrizes.

Penso no que disse o meu cachorro

: loucura é uma dentadura sem dentes

(ruído)

(esse texto é louco, se quiser não leia este texto é um lixo. isto não quer dizer que nada informa que nada explica que nada traça que nada insta. quer dizer que esbarra quer dizer que invés da escrita, escara. [...]) (COLLIN, 2008, p.40)³

A escrita da autora se configura por meio da fragmentação, de recorte, sobreposição, exploração de temas não usuais, ironia, colagem, absurdo, manipulação sintática e semântica. Torna-se, de certa forma, uma tentativa de aproximação da maravilhosa desordem da realidade que não pode, por seu dinamismo, ser registrada tendo por base regras artificiais.

Luci Collin é portadora de um estilo singular e sua escritura personalíssima, pois em seus textos pode-se sentir a intensidade do ato de escrever. No conto “Traçadaslinhas”, a liberdade da sua escritura engendra uma narração de sentidos múltiplos. Seus narradores são exemplos de personagens cuja própria referência identitária é fragmentada em nome de uma existência mais criativa:

Lôla, Lola, p/ variar vc tava certa, bandida! Tô louca p/ te contar o rolo de ontem. Liguei, liguei e ninguém atende! Diacho! Diacho (sei lá como se escreve!!!). Fui até aí. Toquei, toquei de novo e aquela loirinha confirmou que você ta aí trancada. Tô bem chatiada! Nem te conto. Claro que a sugeira toda veio à tona. (COLLIN, 2008, p.87)

³ Respeitou-se a grafia do texto e sua disposição na página.

Ler Luci Collin é emaranhar-se numa rede de linguagem, numa trama de signos, num embate no qual narrador, personagens e leitor se misturam num jogo em que palavras e imagens, sons e silêncios se combinam numa lógica complexa, criadora de subjetividade.

As personagens de Collin vivem uma realidade inexprimível, o sentido surge do próprio ato da escrita. Delineia-se, aí, uma escritura que tem como tema a produção de sentido pelo próprio ato de escrever, moldada sob a forma de contínuos exercícios da língua.

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira é pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; professora adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR, nos cursos de Letras e Comunicação Social-Jornalismo e atua nas seguintes linhas de pesquisa: gênero e representação, texto, memória e diferença cultural. (ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br)